



O CORO EXCÊNTRICO NA ELECTRA DE EURÍPIDES

Autor: Bruno Palavro

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Um problema

Esta pesquisa de Iniciação Científica, vinculada ao projeto *Aisthesis: problemas fundamentais da estética*, teve como foco o estudo da tragédia grega *Electra*, do compositor Eurípides (480-406 a. C.), com atenção principal aos seus trechos corais e ao modo como estes se articulam com o resto da peça em comparação à versão homônima de Sófocles.

O problema abordado parte das observações de Aristóteles em sua *Poética*, de que Eurípides, apesar de ser “o mais trágico dos poetas”, não organiza bem o resto de sua tragédia. Essa má organização se atestaria, diferentemente de Sófocles, pela disjunção de seus coros em relação ao resto da peça, uma vez que, dissociados do enredo – o *mythos* aristotélico –, estariam reduzidos quase que ao papel de meros interlúdios, de modo a prejudicar uma pretensa “unidade dramática”.

O espetáculo trágico

Para Florence Dupont, contudo, em seu estudo *Aristóteles ou o vampiro do teatro ocidental*, o filósofo, ao isolar o texto para fazer dele um objeto de análise, teria inaugurado uma tradição do “teatro do texto”, intelectualizado, que ignorava o espetáculo para eximir a tragédia ateniense do caráter contingente da performance.

A partir de uma tentativa de análise extra-enredo, esta pesquisa ateuve-se a projeções genéricas próprias à tragédia ateniense enquanto *concurso musical*, e conjugou-as a construções imagéticas e figurações altamente contrastivas no funcionamento do coro da *Electra* de Eurípides, tendo em contraposição a versão de Sófocles. Assim, buscou-se positivar o nível impressionístico ao qual o coro de Eurípides possivelmente se projetava.

Seria possível ampliar e enriquecer nossa apreciação sobre a tragédia antiga, sob a condição de que nos desvinculemos de uma visão estritamente aristotélica?



Electra, de Eurípides (vv. 367-386):

[...]

No meio do escudo, reluzia brilhante
o círculo solar
sobre cavalos alados
e coros etéreos de astros,
as Plêiades, Híades, afugentavam
os olhos de Heitor.
Em cima do capacete lavrado em ouro,
Esfinges levando nas garras
a caça conquistada pelo canto; na couraça envolta,
cuspindo fogo, corria uma leoa em seu curso
com as garras mirando o cavalo Pireneu.

Junto à espada ensanguentada, quadrúpedes cavalos galopavam,
a poeira negra subia por suas costas.
O que matou o senhor de tais homens guerreiros,
ó malévola
filha de Tíndaro, foi teu leito.
Um dia, os celestiais enviarão
a ti a sentença de morte.
E logo logo verei escorrer pelo ferro o sangue
de tua garganta ensanguentada.